

# Cadernos

## letra e ato

Jorge Andrade e Anton Tchekhov: uma proposta de pesquisa

Larissa de Oliveira NEVES<sup>1</sup>

### 1. O DIÁLOGO DE ANDRADE COM A OBRA DE TCHEKHOV

Este artigo tem o objetivo de estabelecer algumas possíveis relações gerais entre as obras do dramaturgo Jorge Andrade (1922 – 1984) e do russo Anton Tchekhov (1860-1904), haja vista que o teatro do autor brasileiro apresenta abundantes ligações referenciais com as obras dos escritores que admirava, sendo Tchekhov um dos mais citados pelo próprio dramaturgo, em depoimentos, e pela crítica especializada, em artigos e teses.

No consistente estudo de Catarina Sant’Anna sobre a obra de Jorge Andrade, por exemplo, a autora classifica as diferentes formas utilizadas pelo autor para dialogar com outros escritores. Entre elas estaria o comparecimento de obras inteiras, sem fazer uso de citação ou aspas. Nestes casos, a interação apareceria como uma “sombra, por trás do tratamento de temas, estruturação da peça ou/e visão de mundo” (SANT’ANNA, 1997, p. 305). Ela cita, como exemplo, a dualidade entre Jorge Andrade e Tchekhov, entrevista na peça *A moratória*. Na verdade, a relação entre os dramaturgos citados vai muito além dessa única peça.

Não há dúvida de que Jorge Andrade foi leitor constante da dramaturgia de Anton Tchekhov. O dramaturgo brasileiro, em seus diversos depoimentos, citou o nome do escritor russo como um dos autores que exerceram ascendência sobre a sua produção artística. Independentemente dessa revelação, porém, uma leitura atenta das obras de ambos os autores permite constatar diversos pontos em comum. As analogias seguem dois padrões distintos, não excludentes, que podemos denominar de: inspiração direta e sugestionamento. Dentro do primeiro caso incluem-se peças específicas, em que a

---

<sup>1</sup> Professora doutora e pesquisadora de teatro, leciona no curso de Artes Cênicas, da Unicamp. Coordenadora e membro fundador do grupo de pesquisa: Grupo de Estudos em Dramaturgia Letra e Ato. E-mail: larissadeoneves@gmail.com.

comparação com textos de Tchekhov permite a configuração de claros paralelos; são elas: *A moratória* e *Rasto atrás*.

*A moratória*, uma das obras mais importantes do repertório nacional, apresenta vários pontos em comum com *O jardim das cerejeiras*. As semelhanças têm sido ressaltadas em alguns estudos sobre a obra de Jorge Andrade, sem que tenha havido um aprofundamento crítico acerca do tema. Em relação às personagens, por exemplo, as peças apresentam sentidos de identidade análogos. Joaquim e Liubov Andreievna, os protagonistas de *A moratória* e *O jardim das cerejeiras*, respectivamente, fazem parte das aristocracias decadentes retratadas em ambas as peças. Velhos, veem o modo de vida ao qual dedicaram suas existências se despedaçar diante de seus olhos. Sonhadores, não conseguem encarar a realidade e vivem na ilusão.

É possível traçar um paralelo equivalente em relação às personagens jovens. Lucília e Vária são moças cujo sonho de casamento termina junto com a perda das terras de seus pais. Os pretendentes Olímpio e Lopakhin representam uma nova e ascendente classe social. O que seriam casamentos rejeitados pelos pais das noivas dentro do antigo modo de vida, passa a ser uma solução financeira para as famílias falidas. No entanto, os enlaces não chegam a se realizar, em *A moratória* pela recusa de Lucília, em *O jardim das cerejeiras* pela de Lopakhin. A nascente ordem social impede o consentimento da união por parte das personagens envolvidas.

Não há, também, como deixar de lado os signos poéticos representados pelas cerejeiras e pelas jabuticabeiras. O jardim das cerejeiras, assim como a plantação de jabuticabas, não serve de complemento à renda das fazendas, apenas enfeita os arredores das casas com suas flores e frutos. As árvores reportam-se, assim, tanto à ociosidade quanto à beleza de uma classe social em vias de se extinguir, ou, melhor dizendo, de se transformar. Como vemos, as situações de simetria multiplicam-se.

A outra peça, *Rasto atrás*, assemelha-se, em algumas situações, a *As três irmãs*. Desenvolvida a partir de um original inacabado, *As moças da rua 14*, em que os elementos de contiguidade com a obra russa estariam ainda mais visíveis (SANT'ANNA, 1997, p. 40), *Rasto atrás* apresenta três personagens inspiradas nas irmãs Prozorov e cunho narrativo acentuado, característico da peça de Tchekhov. Existem, também, diversas passagens em que a peça recupera tópicos encontrados em *A gaiivota*, com tratamento equivalente.

Conforme observado acima, as três tias solteironas de Vicente remetem às três irmãs tchekhovianas. Como elas, as mulheres vivem alheias à realidade. Na juventude, sonham com casamentos que, no fundo, sabem que não se realizarão. Apenas Etelevina

encara a realidade de frente, e sofre por conta disso. Velhas, no “plano do presente”, remoem o passado e vivem à espera da morte, conforme atesta a venda antecipada de todos seus bens, inclusive dos utensílios domésticos, que deverão ser entregues aos compradores após a morte das três. A pequena sociedade de Jaborandi faz contraponto, igualmente, com o conjunto de cidadãos da província onde residem os Prozorov, lugar onde sonham com o utópico retorno a Moscou e, desse modo melancólico, veem o tempo escorrer em divagações.

As sugestões suscitadas por *A gaivota* dirigem-se, sobretudo, para as reflexões acerca do fazer literário e do papel do artista no mundo. Algumas imagens apenas citadas na peça de Tchekhov são exploradas intensamente em *Rasto atrás*: o pensamento do menino Vicente, dirigido à lua (TCHEKHOV, 2004, p. 46), por exemplo, ou a metáfora do artista acossado como um animal selvagem cercado por cães (*Idem*, p. 49). Outros temas assumem relevância central nos dois textos: o artista perdido, confuso, sem conseguir encontrar sua função no mundo, sem saber quem é e para que escrever, o artista em busca de si mesmo e da forma ideal para traduzir seus sentimentos (Vicente / Trepliov); o escritor que, apesar do sucesso, continua insatisfeito com suas realizações literárias, sente-se incomodado pela necessidade de escrever e, ao mesmo tempo, pela incapacidade de reproduzir a verdade em seus escritos (Vicente / Trigórin).

Além disso, *A gaivota* incorpora um tema de importância fundamental para Jorge Andrade: o conflito entre pai e filho. No caso da peça russa, o desentendimento ocorre entre mãe e filho. Embora se trate de uma mãe atriz, portanto teoricamente mais afeita a aceitar a vocação literária de seu filho, a divergência segue a mesma linha de incompreensão entrevista no relacionamento entre João José e Vicente em *Rasto atrás*.

No segundo caso de encaminhamento analítico mencionado acima, o sugestionamento, as possibilidades de confronto ampliam-se, já que, em diversos textos de Jorge Andrade, existem similaridades tanto temáticas como formais com as peças de Tchekhov. Em relação aos assuntos explorados dramaticamente, podemos elencar: a decadência de uma sociedade aristocrática rural, que se vê presa à tradição, em oposição ao desejo de mudança e às expectativas de um novo amanhã incutido em personagens mais jovens; o conflito entre gerações; aspectos político-ideológicos de obras que não são, nem pretendem ser, engajadas, mas nem por isso deixam de trazer à tona um posicionamento crítico sobre as sociedades das quais apreendem os assuntos para criação do material ficcional; o trabalho do dramaturgo e os conflitos decorrentes da escolha de “ser artista”.

Em relação aos aspectos estruturais dos textos dramáticos, algumas questões chamam a atenção por serem temas de análise instigantes, recorrentes nas obras dos dois dramaturgos. Em primeiro lugar, cabe salientar o formato moderno *versus* o realista. Tchekhov, em fins do século XIX, elaborou textos dramáticos de urdidura diferenciada e surpreendente, tendo em vista o que fora produzido mundialmente até então. Especialmente em *A gaivota*, *As três irmãs* e *O jardim das cerejeiras*, as divagações autocentradas das personagens, cada qual imersa em seus próprios conflitos interiores, sobressaem-se em relação às ações (praticamente inexistentes) e à interação entre os indivíduos. Desse modo, há o afastamento dos elementos comuns ao drama convencional sem ocorrer, ainda, a “explosão” da forma dramática clássica (SZONDI, 2001, pp. 46-33).

A primeira peça de Jorge Andrade, *O telescópio*, data de 1951, ano em que o autor ingressou no curso de teatro da Escola de Arte Dramática, de São Paulo. A essa altura do século XX, o teatro moderno já havia se cristalizado há bastante tempo pelo mundo afora. O autor teve, portanto, a oportunidade de conhecer e estudar obras de grandes dramaturgos modernos, inclusive de Anton Tchekhov, antes de se aventurar a escrever seu próprio teatro. Suas peças vão desde textos com formatos convencionais até obras com alto teor épico. A reflexão sobre o que Jorge Andrade aproveitou da tendência “lírico-narrativa” presente na obra de Tchekhov e como foi além no sentido de elaborar peças de caráter eminentemente épico constitui tema de pesquisa ainda inédito.

Outro ponto de análise formal cuja leitura comparada entre as obras dos dois escritores pode ser reveladora consiste na determinação dos elementos trágicos e cômicos inerentes aos textos. Em relação a Tchekhov, essa problemática surgiu durante as primeiras encenações, realizadas pelo Teatro de Arte de Moscou, sob a direção de Konstantin Stanislavski. Embora a unanimidade em torno da importância desses espetáculos para a história do teatro ocidental seja incontestável, ocorreu uma forte divergência entre o escritor e o diretor, a respeito do direcionamento trágico incutido às encenações de *A gaivota* e, principalmente, de *O jardim das cerejeiras*, ambas classificadas pelo autor como comédias. Apesar da qualidade do trabalho realizado pelo TAM (cuja preparação Tchekhov acompanhou de perto, seja participando efetivamente, seja se comunicando através de cartas), o dramaturgo discordou veementemente do “ar melancólico” dos espetáculos, oriundo de interpretações “chorosas” (Cf. GUINSBURG, 1985; TAKEDA, 2003).

Embora Jorge Andrade não tenha classificado suas peças em relação ao gênero, algumas apresentam características marcantes, como é o caso da tragédia *Pedreira das almas*, ou da comédia *Os ossos do barão*. Em outras produções, no entanto, como *A escada* e *Rasto*

*atrás*, os traços de comédia e de drama perpassam os enredos, sem que se possa definir, de imediato e com segurança, qual seria o gênero teatral a que pertencem. O estilo tchekhoviano surge nessas peças em que momentos de graça contrapõem-se a conflitos de caráter trágico.

Por fim, como todo texto de teatro, por mais literário que seja, abriga a propriedade fundamental de atingir sua finalidade artística no palco, existe uma semelhança na importância e na qualidade das encenações dessas peças. Conforme adiantamos, as representações das peças de Tchekhov pelo TAM tornaram-se marcos de autenticidade e perfeição, estimulando transformações nas artes dramáticas de diversas regiões do mundo. As encenações de alguns dos textos de Jorge Andrade, se não chegaram a constituir referências internacionais, sem dúvida tiveram marcante projeção no teatro nacional.

Um diretor em especial, Gianni Ratto, soube verter para o palco com maestria a poesia da obra de Jorge Andrade. No caso de *A moratória*, a encenação foi de suma importância para o fortalecimento da dramaturgia nacional, num momento em que, após a definitiva fixação da modernidade nos palcos, realizada a partir do surgimento dos grupos amadores na década de 1940 e intensificada pela profissionalização, inconizada pelo lendário grupo TBC, o teatro brasileiro ansiava por uma renovação dramática. Outra peça levada à cena pelo diretor e cenógrafo italiano, de complexidade cênica ainda maior, e que, coincidência ou não, faz, como aquela, uso de planos temporais, foi *Rasto atrás*. A excelência e a relevância dessas duas montagens, realizadas, uma no início da carreira do dramaturgo e outra quando o “ciclo de Marta” se fechava, levaram o crítico Henrique Oscar a comparar, sabiamente, a “simbiose” Gianni Ratto – Jorge Andrade à obtida entre Stanislavski – Tchekhov (SANT’ANNA, 1997, p. 73).

Como vemos, apesar da distância temporal e espacial existente entre os dois dramaturgos, artistas de culturas bastante diferentes, a quantidade de pontos em comum existentes entre suas obras chama a atenção. Tal ocorreu, sem dúvida, pela leitura realizada por Jorge Andrade da obra de Anton Tchekhov e consecutiva assimilação, temática e formal, de elementos textuais, literário-dramáticos, utilizados posteriormente em suas próprias criações. A conexão com a produção tchekhoviana enfatiza a intensidade dramática da obra nacional de um autor que conseguiu aproveitar ensinamentos advindos das criações de um outro grande escritor para enriquecer seu próprio teatro, único e original. O diálogo com o teatro de Tchekhov permitiu a Jorge Andrade universalizar seus enredos, caracteristicamente brasileiros.

## 2. ALGUNS APONTAMENTOS CRÍTICOS

Décio de Almeida Prado, na análise sobre a peça *A moratória*, de Jorge Andrade, termina suas reflexões corroborando a grandeza do texto pela universalidade, capaz de instalar a obra de arte “num território estranho e cheio de prodígios – aquele em que comungamos, por exemplo, com um pequeno grupo de aristocratas russos que tentam em vão preservar contra o machado destruidor o seu querido e já irremediavelmente condenado jardim de cerejeiras” (PRADO, 1986, p. 629). Mencionada somente na frase conclusiva do ensaio, a comparação alcança, em poucas palavras, demonstrar a complexidade da peça brasileira, capaz de atingir, por suas qualidades, a universalidade, sem, por isso, deixar de ser intensamente brasileira.

Devido aos aspectos memorialísticos e à ligação existente entre a temática das peças de Jorge Andrade e a história econômica e social de São Paulo e do Brasil, as reflexões sobre sua dramaturgia tenderam, em grande parte, a explorar o trabalho do autor na criação de obras ficcionais a partir de sua interpretação da história brasileira e de suas memórias.

O livro de Luiz Humberto Martins Arantes, *Teatro da memória: história e ficção na dramaturgia de Jorge Andrade*, constitui um exemplo bastante forte dessa tendência. Dissertação de mestrado em História, o trabalho “procura entender como memória e história são matéria-prima para o dramaturgo, em textos como *O telescópio*, *A moratória*, *A escada* e *Os ossos do barão*” (ARANTES, 2001, p. 26). Ao tratar do tema, comum às peças, da desagregação de todo um sistema social, ele traça uma ponte com o teatro de Tchekhov, sem, no entanto, estender o que não passa de um comentário furtivo. (*Idem.* p. 64)

Indo um pouco além (até pelas dimensões da pesquisa: uma tese de doutoramento), o já citado estudo de Catarina Sant’Anna, de suma importância não apenas pelos resultados de análise obtidos, mas também pelo levantamento documental realizado, dirige-se, principalmente, a dois aspectos da obra de Jorge Andrade. Primeiramente, a autora busca compreender o projeto existente por trás da criação dos textos. Para tanto, analisa o processo de feitura dos mesmos, desde as primeiras versões, até o conjunto final, publicado em *Marta, a árvore e o relógio*, baseando-se em documentos do acervo pessoal do escritor, em entrevistas, nas encenações, nas críticas. Depois, ela analisa as quatro peças em que os recursos metalinguísticos estão mais evidentes (*A escada*, *Rasto atrás*, *As confrarias*, de 1969, e *O sumidouro*, de 1969), relacionando-os com a História incorporada aos enredos.

Em diversos momentos a pesquisadora comenta a proximidade de algumas peças com a obra de Tchekhov, sem, no entanto, explorar, nem de modo breve, a inter-relação, apenas apontada. As análises de texto, quando não remetem à História ou ao

memorialismo, investigam os mecanismos metateatrais e/ou épicos, utilizados, principalmente, em *As confrarias* e *O sumidouro*. Nessa mesma linha de pesquisa enquadra-se a tese de doutoramento de Elizabeth Azevedo, *Recursos estilísticos na dramaturgia de Jorge Andrade*, na qual a professora percorre a obra do dramaturgo de modo a determinar uma linha evolutiva entre os primeiros trabalhos, mais realistas, e os últimos, em que os recursos épicos se avolumam. O estudo centra-se na teatralidade, nas teorias do épico e do expressionismo e nos procedimentos dessas vertentes dramáticas assimilados pelo autor. No entanto, não faz estudos comparativos.

Nos ensaios publicados ao final de *Marta, a árvore e o relógio*, diversos ensaístas analisam as peças presentes no volume. As menções à obra de Tchekhov são frequentes, embora não passem de meras citações. No sempre lembrado *Visão do ciclo*, por exemplo, de Anatol Rosenfeld, o ensaísta cita “as três irmãs tchekhovianas” (ROSENFELD, 1970, p. 606), ao elogiar a construção das personagens de *Rasto atrás*; um pouco adiante, ao comentar o tema da decadência, afirma que “lembra às vezes as peças de Tchekhov” (*Idem. Ib.*), sem nada mais acrescentar. Osman Lins, em *Significação de Rasto atrás*, relaciona o enredo da peça com a realidade de censura da época em que a peça foi escrita. Ao examinar o protagonista Vicente, comenta que ele, apesar da veemente oposição do pai, sai em busca de seu sonho, “não se transforma, como certos personagens de Tchekhov, num adulto inativo, que espera dia após [dia] a morte” (LINS, 1970, p. 655). Como Rosenfeld, Lins não vai além, em sua comparação.

Sábato Magaldi, um dos críticos mais próximos do autor, também apenas de passagem observa que Jorge Andrade, ao fugir do maniqueísmo em *Pedreira das almas*, mostra ser “discípulo de Tchekhov, que tanto admira” (MAGALDI, 1998, p. 45). De resto, na parede do escritório de Vicente, protagonista de *O sumidouro* e *alter ego* do escritor, encontram-se dois retratos grandes de Tchekhov e Eugene O’Neill (“mestres absolutos, pela natureza de seu mundo” [*Idem.* p. 51], afirma Sábato Magaldi) e outros dois, menores, de Arthur Miller e Bertold Brecht. Aí, Jorge Andrade confessa aberta e teatralmente suas “raízes literárias”. Esses nomes “o ensinaram a pensar o teatro e a entender os homens” (PRADO, 2003, p. 91), nas palavras de Décio de Almeida Prado.

Como vemos, praticamente todo pesquisador que volta seus olhos para a obra de Jorge Andrade vislumbra, em algum momento, a influência do autor russo. Nenhum, no entanto, aprofundou tais observações, circunscritas, em geral, a frases soltas em meio às análises das peças. Alguns estudos acadêmicos também apontam para as semelhanças, sem realizar um estudo detido ou aprofundado das mesmas.

Esse artigo, portanto, visa a demonstrar tal proximidade, incontestável, haja vista que praticamente todos os estudiosos de Jorge Andrade fazem referência a ela. E, ao mesmo tempo, apresentar como o assunto, apesar de sempre presente como indicação pontual, jamais recebeu um olhar crítico ou acadêmico mais detido. Em vista de suprir essa lacuna, estou executando, em pesquisa vinculada ao grupo de pesquisa *Grupo de Estudos em Dramaturgia Letra e Ato* e financiada pela Fapesp, uma série de artigos que visem a efetuar tal análise comparada, buscando abarcar os diversos aspectos temáticos e formais apresentados na primeira parte desse artigo.

BIBLIOGRAFIA CITADA:

ARANTES, Luiz Humberto Martins. *Teatro da memória: história e ficção na dramaturgia de Jorge Andrade*. São Paulo, Annablume / Fapesp, 2001.

GUINSBURG, Jacó. *Stanislávski e o teatro de arte de Moscou*. São Paulo, Perspectiva, 1985.

LINS, Osman. *Significação de Rasto atrás*. In: ANDRADE, Jorge. *Marta, a árvore e o relógio*. São Paulo, Perspectiva, 1970.

MAGALDI, Sábato. *Moderna Dramaturgia Brasileira*. São Paulo, Perspectiva, 1998.

PRADO, Décio de Almeida. *A moratória*. In: ANDRADE, Jorge, *Marta, a árvore e o relógio*. 2. ed. São Paulo, Perspectiva, 1986.

\_\_\_\_\_. *O teatro brasileiro moderno*. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 2003.

ROSENFELD, Anatol. *Visão do ciclo: estudo da obra de Jorge Andrade*. In: ANDRADE, Jorge. *Marta, a árvore e o relógio*. São Paulo, Perspectiva, 1970.

SANT'ANNA, Catarina. *Metalinguagem e teatro: a obra de Jorge Andrade*. Cuiabá, EdUFMT, 1997.

SZONDI, Peter. *Teoria do drama moderno*. São Paulo, Cosac & Naify Edições, 2001.

TAKEDA, Cristiane Layher. *O cotidiano de uma lenda: cartas do Teatro de Arte de Moscou*. São Paulo, Perspectiva/ Fapesp, 2003.

TCHEKHOV, Anton. *A gaivota*. São Paulo, Cosac & Naify, 2004.

**Abstract:** This paper aims to establish some possible relations between the playwriting of Jorge Andrade and Anton Chekhov, in order to present a research topic.

**Keywords:** Jorge Andrade; Anton Chekhov; comparative analysis.